

# A REGENERAÇÃO.

JORNAL DA PROVÍNCIA DE SANTA CATHARINA  
ORGAM DO PARTIDO LIBERAL.

## ASSIGNATURA:

PARA A CAPITAL:		R\$ 98000
ANNO. ESTATE.		" 58000
PARA FORA DA CAPITAL:		
ANNO. SEMESTRE.	R\$ 100000	" 58000

## REDACTORES PRINCIPAES:

DR. DUARTE PARAHOS SCHUTEL E BACHAREL LEIZ AUGUSTO CRISPO.

ANNO II. N. 194

QUINTA-FEIRA 28 DE JULHO DE 1870.

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS.

ANUNCIO A 10 REIS POR LINHA.

FOLHA AVULSA 200 REIS.

## CAMARA MUNICIPAL

SESSÃO ORDINARIA, EM 18 DE JULHO

Presidente do S. Lobo.

A's onze horas da manhã, achando-se presentes os Srs. vereadores Santos, doutor Paranhos Schutel, doutor Pitanga e Souza Solrinho, foi aberta a sessão.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Presento uma petição de Fioriano José Villegas, com despacho da presidente municipal e Câmara informar, pedindo para autorizar com mais cem palmos ponte que fez construir no lugar denominado — Rita Maria — Acordou a câmara que se officiasse a S. Ex. remetendo-se cópias dos acordados em sessão de 18 de Março e 21 de Maio do corrente anno, e informação prestada pela capitania do porto em 15 de Março proximo findo, relativos à concessão feita por esta câmara para a construção da ponte que existe com cem palmos.

Um o Sr. Dr. fiscal do 2.º distrito da capital, propõe o melhoramento do caminho de terra do Asno, desde seu princípio até alto que confina com a freguesia da SS. Trindade, e atento do largo que quale no fim da rua de S. Marcos a sair ao mar, constatando-se uma calha de pedra para evitar o alagamento do terreno em quadras chuvosas — à comissão de obras publicas.

O Sr. Dr. Pitanga apresentou a seguinte proposta: — "A câmara municipal, em sessão extraordinária de 4 de Agosto de 1865, autorizou seu procurador a comprar as terras de João José da Cunha e Silva, na freguesia de Santo Antônio, em que se acham as vertentes das águas da fonte pública da referida freguesia. Não se tendo pôr em, até a presente data, efectuado a referida compra, propõe que seja de novo dada igual autorização, no actual procurador, afim de ser realizada a dita compra no qual se despedireá a quantia de cem mil reis, que é o preço pedido pelo proprietário das terras de que se trata." — Paco da câmara 18 de Julho de 1870. — Olympia A. de Souza Pitanga. — Posta em discussão foi unanimemente aprovada.

Foi autorizado o Sr. Presidente a despedir as quantias necessárias para compra de ferramentas e utensílios para as obras municipais, conforme foi recomendado pelos fiscais desta cidade.

O Sr. Santos propôz o caleamento da rota da Constituição, e o Sr. Dr. Pitanga a continuacão do da rua do Príncipe, desde o canto da rua do Lvranteato até a da rua da Paz. — Semão a elas aprovadas, resolveu a câmara que se publicasse edital chamando concorrentes, e no caso d'sses não comparecerem, fossem as mesmas obras feitas por administração de seu presidente.

Reclamando o fiscal do 1.º distrito, a falta de uma torreira de bronze para ser collocada na Fonte do Largo de Bragaçua; resolveu a câmara encarregar ao Sr. vereador Santos de mandar comprá-la no Rio de Janeiro.

Não haverão mais objetos de nenhuma natureza, o Sr. presidente levantou a sessão às 21 h 15 m do tarde. — Eu D. Duarte Paranhos Schutel e Bacharel Leiz Augusto Crispo, Secretario da Câmara municipal que a escrevi.

## EXTERIOR.

### Correspondencia de Montevideo.

Montevideo, 20 de Julho de 1870.

Pouco ha a noticiar Lopez Jordan depois de ter incorporado a seu exercito os prisioneiros que fez na Conquista do Uruguay, seguiu para Gualeguaychú; a guarnição em numero de pouco mais de 300 homens embarcou nos vapores argentinos que estavam no Porto e abandonou a cidade. Lopez Jordan entrou, recrutou tanto quanto podia pegar em armas, saqueou algumas casas de autoridades etc., e saiu abandonando a seu turno a cidade. Todos são concordes em que Lopez Jordan tem um exercito superior a 6,000 homens, devido as levas que faz por toda a parte por onde passa. O exercito de Mitre entrou na Conceição do Uruguay no dia seguinte ao em que Lopez Jordan havia saído! *U'est de la moutarde après dinner, dirá um francês; caza roubada tristes na porta, direi eu.*

Haja correr como certo que a vanguarda do general Rivas fôr derrotada por forças de Lopez Jordan; este caudillo parece que se dirige para a cidade do Paraná. Todas estas notícias causam triste impressão em Buenos-Aires; novas forças embarearam para o teatro da guerra, e com elas foi o proprio ministro da guerra para activar as operações e dar algumas providencias.

— Aparicio, como já lhe noticiei, passou ao norte do Rio-Negro, e, pode-se assim dizer, foi desafiar o grande exercito do general Caraballo, chegado sua audacia até ir ver os muros da cidade do Salto.

Era aqui uma cantilena de todos que ao norte do Rio-Negro não havião blancos; que Aparicio não se atrevoria a lá ir porque Caraballo tinha todos os passos bem guardados etc. etc.; agora que ele lá está e que ninguém lhe oppôz resistencia a cantaria mudou. Dizem as folhas do governo (também não ha outras) que agora está Aparicio perdido; que Caraballo o cercou completamente... e que Aparicio terá de aceitar combate apesar de se achar à frente de todas as suas forças superiores a mil homens.

São pois os proprios governistas que lhe acham a Aparicio nas proximidades do Salto com mil homens, sem castar as portadas que andam por outros departamentos.

Dizem que o general Izquierdo vai para dentro deixando no comando

em chefe das forças ao sul do Rio-Negro o general Goyo Soarez que se apresentou ao governo prompto a tomar armas.

Corre como certo que esta ci lade se vai fortificar e pôr em estado de repellir qualquer iniciativa, declarando-se também o paiz em estado de sitio.

— Há certo tempo para cá, que se nota paralisação no progresso material com que esta cidade esplanta estrangeiro. As construções parâo, e por tanto grande numero de obreiros ficarão sem trabalho. No campo acontece o mesmo. A guerra destruiu lavoras e criações, e carrega com espódes das estâncias para soldados, quer um quer outro partido. O commercio está também paralizado, e o resultado de tudo isto é que se acha esta Capital cheia de ladrões, e que é raro a noite em que se não faz um roubo de consideração.

— No dia 18 do corrente, aniversário do juramento da constituição desta Republica, foi sagrada e aberta a concorrência das feiras nova igreja vulgarmente chamada *del Corredor* sob a invocação de nossa Senhora do Carmo.

O templo é espacoso, e bonito, juntando a elegância à simplicidade.

Espera-se notícias a cada momento de duas batalhas, uma em Entre-Rios, outra junto ao Salto; vamos a ver quem levará as palmas da vitória.

Ouro a 9 3/4 %.

## A REGENERAÇÃO.

Desterro, 28 de Julho de 1870.

Hoje os adeptos da situação não podem christianizar de bacille o facto que contestava afirmado por nós, de achá-lo o disciplinado partido conservador em luta aberta, por isso que de todas as províncias seis correspondentes o atingiu narrando os escândalos e dando conta dos insultos com que se brindão mutuamente os grupos.

A câmara dos deputados, além de outras anteriores tentativas, acaba de oferecer a provado facto consumado.

— No dia 6 do corrente fez-se no *Jornal do Comércio* de 10, noura numerosa reunião de deputados na casa da residência do deputado Floriano Gómez para deliberarem sobre a atitude que lhes conviria assumir ante o gabinete de 16 de Julho.

— Ao inverso de Saturnino, os filhos devoram seu pão commun!

Fatal consequencia de sua origem e da completa isenção dos principios de moralidade e ordem na gerencia dos negócios públicos!

O ministerio criador da câmara, terá de cair no impulso daquelles que protegidos pela polícia elevou à altura de representantes da nação.

Quando a causa pública é posta à margem, os interesses particulares formigam e cada pretendente preferido é um mimo do dispensador das graças.

Por isso, e porque o governo actual subordina só a unica só vontade, sem uniformidade de visões, sem programma, sem homogeneidade de princípios, sem bandeira mesma, governo que julga poder prescindir da co-responsabilidade do corpo legislativo: não pode oferecer elementos de duração, nem assegurar o progresso do paiz; porque não representa o papel de mandatário de um partido, mas sim o de uma facção de especuladores políticos.

Não somos nós, a oposição que lacramos nas paginas da imprensa liberal estas verdades, são elles proprios, os conservadores verdadeiros que, em artigos cuja lavra denuncia o aparelho da pena que os escreveu, dão documento da scisão do partido e da impotencia de alguns de seus chefes.

Aqui não ha declamação, e para prova ahi transcrevemos dos *Jornal do Comércio* de 10 e 13 do mes que corre alguns periodos expressivos dos artigos a que nos referimos, publicados sob a epígrafe: — O ministerio e a epígrafe parlamentar.

— O ministerio não deve constituir essa política que o isolou do partido conservador: o ministerio é apenas o governo de sete homens, para sete homens, assim o querem os ministros. O que fazer-se em tão estranha conjuntura? Deixar que o partido conservador se cuide dividido e desmoralizado, à saída do enfermo gabinete, é condescendência que o futuro, embora mal assegurado a alguns, não justificará; a câmara dos deputados tem o dever de impedir que a opinião publica faça pesar sobre o partido a grave responsabilidade moral da incêrcia governativa das intrigas de reposteiro.

A câmara dos deputados, cheia de vida e reflecta de inteligencia, necessita condenar a estreita politica de camaradagem, que vai fracionando o partido.

— O gabinete actual não contém pois elementos de duração, que possa assegurar para a situação conservadora uma ordem de tonsas estavel, regular e séria. Seus membros são sem dúvida cidadãos distintos e algumas delles antigos e reconhecido, chefes no partido; mas, em decepção, sua grande força de nomes proprios é talvez a causa principal da sua fraqueza no desenvolvimento e no pratico de suas vistas politicas, porque o comando não existe, e em aquele não ha disciplina, tão indispensável a quasequer regimén de homens que devem ter um pensamento comun e uma reciproca confiança.

A oposição parlamentar alias não pretende senão um ministerio fortemente constituído pela coesão das vontades dos ministros e francamente addicto à sorte do partido conservador. É necessário que o partido, no poder, realize suas doutrinas e possa defender seus interesses: e de tal modo que sua ascensão à gerencia dos negócios públicos não seja uma calamidade para sua organização, uma decadência para seus principios, um desastre para suas estatísticas, significando em somma um verdadeiro suicídio moral.

A minoria da câmara dos deputados

retirando seu apoio no gabinete condena implicitamente a inércia de um governo que se põe a reboque das camaras, adiando para as calendas gregas a solução de momentosos questões entre elas uma de interesse universal — a emancipação do elemento servil; — e afaga o apelo feito ao imperador pelo senador Nabuco no final de seu discurso de 12 de Julho, nas seguintes palavras:

"Como amigo da coroa, termine dizendo ao monarca brasileiro: Reconcilia-vos com a democracia, collocaveos á frente das reformas, salvai o vosso trono e o vosso paiz."

O que fará o Sr. D. Pedro?

## COMMUNICADO.

### Instrução Pública.

O Sr. Dr. Sergio Lopez Falcao veio à imprensa! Desce da cadeira magistral do Inspector Geral da Instrução Pública para dar explicações ao Guarany da Regeneração e ao respeitável público, ou antes ao presidente da província, Dr. Francisco Ferreira Corrêa, a quem S. S. respeita....

Mas não é esse o caso que traz o Indio novamente à discussão, não.

Não é tão pouco a encorramada declaração — *à pedida* — do Sr. Luiz Alves de Souza, professor público da freguesia da Lagoa, que tão deshumanamente o desmuniu em público, e que veio apressurado em defesa de seu bom chefe, que muito apreciará tão relevante serviço.

Não são estes os motivos que fizeram o Guarany sair de suas matutas ás ás vésperas de apresentar-se ao respeitíssimo público; seu fim é outro: outra é a sua missão.

A resposta — defesa — explícata com que o Sr. Dr. Sergio esmagou o pobre indígena o público achou-a muito boa, e brevidade por ter S. S. tocado no ponto mais importante da questão — o bom tratamento que ele dá às partes — que pare, e persua a corda sensível.

O Sr. Dr. Sergio deixou de parte o facto de ser o Inspector Parochial, Eduardo José Vieira, inimigo fidalgo do professor J. Wendhausen; de ser esse expresso para ali mandado por S. S.; de negar ao dito professor com injustiça manifesta os atestados de frequência, que dão-lhe jus ao recebimento de seus vencimentos com os quais deve alimentar-se e à sua família. Não tratou também da reclamação do professor á respeito deste ponto, nem tanto pouco tocou nos atestados da gente mais qualificada e satisfeita do S. Pedro de Alcantara à favor de J. Wendhausen. Emfim não disse palavra sobre a questão principal.

Quando porém tocou-se-lhe na tecla, saltou o Sr. Dr. Sergio e ei-lo em campo, trazendo por acolyto o Sr. Luiz Alves de Souza.

O Indio já disse e repetiu: o Sr. Dr. Sergio defendeu-se bem, e o público, que bem o conhece, faz-lhe toda e inteira justiça.

Lá isso não há nega-lo.

O Sr. Luiz Alves... também foi bem sim... um pouco agradado e irreflexivo, mas certamente cumprido o seu dever, se é que o caso não é de deu, como ele assegura e é de crer.

Naturalmente o Guarany foi mal informado, e por ora, enquanto colhe informações mais exactas, é ix o caso entregar no juízo do público e à consciencia do Sr. Luiz Alves.

Não deve porém deixar de declarar, que, apesar de co-lhecer pessoalmente o professor da Lagoa, a quem estima e aprecia, o Indio não pode assegurar se S. S. estará ou não em erro, se terá tido ou não algum lamentável esquecimento à propósito do bom tratamento que sempre lhe tem dado seu chefe, o Sr. Dr. Sergio Lopez Falcao, porque a pessoa que ao Indio deu conhecimento do facto alludido, disendo-te-lo presenciado, não merece menos, nem é menos digno de crédito do que o próprio Sr. Luiz Alves.

E' pois provável que tivesse havido quer de um, quer de outro, algum equívoco, mesmo esquecimento, que o Indio vai tratar de verificar, assim de poder falar conscientemente, como é de seu costume, e o público e notorio.

Isto é dito sem dolo, nem malícia.

Mal sabia o Guarany, mal sabia o público, o Sr. Dr. Corrêa, e o professor de S. Pedro de Alcantara, que na dia em que escrevia o seu ultimo artigo, o Conselho Director da Instrução Pública, sob proposta do Sr. Dr. Sergio Lopez Falcao, votava UNANIMEMENTE que fosse fechada a escola daquele Freguesia — por não ter numero suficiente de alunos para frequentá-la — e em consequencia REMOVIDO o Sr. Wendhausen!

Não pensava Indio que tão depressa se reúnsse o referido do Sr. Eduardo José Vieira, e que de um mando tão cedo o Sr. Dr. Sergio mo trasse sua má vontade, seu rancor á um chefe que é o seu subordinado e que tem direito á todo natural e legítima proteção de seu chefe!

Inda bem que o Sr. Dr. Sergio não deixou mentir neste ponto, e por isso elle dá os agradecimentos, sinceros e cordiais.

O Indio podia terminar este artigo dirigindo ao Sr. Dr. Corrêa: "O drama contra o professor de S. Pedro de Alcantara está patente, e caminha para seu desfecho. V. Ex. o v. toca-lhe os d-dos. V. Ex. pois, que tem os factos, os documentos e os homens, examine uns e outros, e faça justiça severa.

"Se João W. Wendhausen clau leon, punha. A oposição houve examinar o acto de V. Ex. e se elle for justo, houve aplaudilo.

"Se porém V. Ex. encontrar paixão, odio ou rancor no chefe, se vir que ele, em lugar da justiça que deve ás subordinados, os persegue, os maltrata por motivos pessoais, ou por motivos políticos, enfa também sobre elle com a espada da justiça, sem dô, nem piedade. Seja punido o funcionário, que não consegue a altura do cargo que ocupa, nem podendo mesmo com elle conciliar-se, desce de sua cadeira de juiz para ir tomar o lugar de accusador, de perseguidor!

"Fica V. Ex. justiça severa e imparcial, dessa forma bem servirá a sua pátria e dela bem terá merecido." Tem porém o Indio necessidade de ir um pouco mais adiante e chamar a atenção do presidente da província para o conselho director da instrução pública, que UNANIMEMENTE votou pelo proposta do Sr. Dr. Sergio!

E' preciso antes que tu saibas que S. Ex. sabia que esse conselho se compõe do inspector geral, Dr. Sergio Lopez Falcao; do inspector da paróquia da capital, Frano de Paulisca Marques de Ca valha, Vasto Senior, Paranhos, Ca vallei e o Agrô Maior etc. etc. etc. e de alguns professores públicos e particulares, todos subordinados do Inspector Geral, ou antes do Sr. Paranhos, que é quem pucha os cordeis do engongo, que preside á toda essa comédia!

E' certo que ha outros no referido conselho, que, em desgostosos pelameirias denunciadas defuntas do Dr. Sergio e por sua grande capacidade — que não precisa de conselhos —, ou por outros assuntos mais urgentes, que é mesmo por esquecimento involuntário, ou falta de aviso, bem raras vezes comparecem ás sessões.

S. Ex. pois que se dê ao trabalho de estudar os elementos componentes do conselho e verá e conhecerá e julgará da unanimidade da votação da proposta do Dr. Sergio.

S. Ex. que se dê ainda ao trabalho de estudar (*difficilem rem*) o Sr. Cavaleiro d'Agra Maior que houve descobrir a incognita da capacidade do Inspector Geral.

Leia o Sr. Dr. Corrêa o Regulamento Interno das Escolas, ou coisas que o valha, feito pelo Sr. Dr. Sergio e seja

si é ou não uma segunda edição de um celebre projecto do Regulamento de Instrução Pública, apresentado á Assembleia Provincial no anno da graça de 1868 por um Major de Guardas Nacionais, homem que já foi ex-soldado nobre, membro de varias sociedades, irmandades e confrarias,

O Guarany tem alguns exemplares desse projecto, e oferecerá um a S. Ex.

Esperaria o presidente da província teda essa chicana pauliciana que houve descobrir a causa da unanimidade do Conselho Director: elle lhe servirá de dodo de gigante — na questão.

Mas porque foi que o conselho unanimemente julgou que a escola do sexo masculino de S. Pedro de Alcantara não teve o numero preciso de alumnas? E que por tanto deve ser fechada e removido o professor que a ruge, apesar da declaração dos pais dos alunos que frequentam diariamente essa escola em numero maior de vinte, talvez perto de trinta?

*That is the question*, diria o altivo filho de Alion.

*Hoc opus, hic labor*, dirá o Sr. Dr. Sergio, que tem suas pretenções á latinitate.

Aqui é que está o *busitus*, diz o Guarany, que não sabe latim, nem inglês.

E' este o caso de que elle se vai ocupar na occasião, pedindo a atenção do Sr. Dr. Corrêa por mais cinco minutos de seu precioso tempo.

O motivo apparente que determinou a votação unânia do conselho, foi um ofício do Sr. Inspector das escolas de S. Pedro d'Alcantara, declarando que era freqüentada diariamente por *sete ou oito* alunos, como provava com a *sete ou oito* guias que remetia dos alunos matriculados!

O Sr. Dr. Sergio, depois de ouvir o professor referido *pro formula* convocou o conselho, expôz o facto, mostrou as guias e propôz o fechamento da escola; e o conselho, depois de reparar que o Sr. Paulisca cortava a cabellera e de consultá-lo disse — unicamente!

E' bom que se saiba que o Sr. Dr. Sergio não apresentou ao conselho a resposta do professor João Wendhausen, na qual elle prova com documentos irrecrecíveis a falsidade da declaração do Sr. Eduardo José Vieira, nem tant pouco o mesmo conselho indagou se fôra ou não ouvido o dito professor.

O conselho limitou-se á votar, como era de esperar.

E' bom ainda que se saiba que ha declaração dos pais dos alunos de que é falsa a parte do Inspector Parochial, declaration cuja veracidade não pode ser posta em dúvida, porque alem de estar assignada pela maioria dos pais dos alunos que frequentam a mencionada escola, é garantida pelo vigario, o Revd. Roberio Bucker, homônimo de proverbial honestez e adversário político de J. Wendhausen, e mais ainda pelo segundão Juiz de Paz, também conservador.

A parte peis do Inspector E. J. Vieira, que como fica dito, é inimigo pessoal do professor, não poleria com honestidade servir de base para motivar a unanimidade da votação do conselho, visto ser ella contestada.

Quando porém tal contestação não se desse por si só não poderia ser a parte julgada procedente, não só porque é fôra de dúvida que Eduardo José Vieira não remetesse *todas* as guias que elle exigiu e lhe foram entregues pelo professor, como ainda por não ser exacto que as guias representem o numero real dos alunos matriculados, e muito menos dos que frequentam diariamente a escola.

Basta que se reflecta um instante para reconhecer-se a veracidade de semelhante argumento.

Quem é que dá as guias?

O inspector parochial.

Logo se elle as não der, não pode haver alunos matriculados, e ainda menos freqüentes.

Assim deve ser regularmente, mas não é.

O facto contradiz o argumento.

paulhado do pai ou patrono com o *rcado* do Inspector parochial de quo pode elle ser recebido na escola, e que mais tarde mandará a guia, que na occasião não pôde escrever por isto ou por aquillo.

E as mais das vezes a guia fica no tinteiro, e nem por isso deixa o menino de ir á aula, e o professor de receber-o.

E' este o facto mais constante, e tão constante que o Indio não duvida respeitar a S. Ex. que vá à continente ás escolas da capital, que talvez ali acha menos guias do que alunos matriculados, eí mesmos presentes.

O Indio diz — *incontinenti* — porque sabe, se tal não fôr, haverá tempo para sanar-se o mal.

S. pais Eduardo Jo. é Vieira não remetem todas as guias que lhe fôr enregadas por J. Wendhausen, e se elles não fôrão realmente nem o numero dos alunos matriculados, nem o das que frequentam diariamente a escola, como pode um tal facto servir de base para mandar fechar-se a escola de S. Pedro de Alcantara, privando assim aquela importante freguesia de uma causa tão necessária?

Mas que remedio, dirá o Sr. Dr. Sergio. E' preciso tirar de S. Pedro do Alcantara aquello professor, porque é elle liberal, seu primeiro e principal defeito.

Acresce que o Sr. Gaspar, Zeferino e outros já estão comprometidos, e já declararam que elle havia de sahir.

Finalmente o professor não agrada ao Inspector Geral, que lhe tem *opositora* e *risa* velha; e por tanto hude sahir.

Estas são as verdadeiras razões da remoção.

J. Wendhausen é moço de brio: não se curva: tem dignidade, e o Sr. Dr. Sergio não gosta desta fisionomia em gente que elle entende que lhe deve genuflexões.

Não estará muito longe o dia em que o nobre Inspector da Instrução Pública estableça *baixa-mão e cortejo*, símbolos da subserviencia de que elle gosta.

O que resta saber é se semelhante sistema merecerá a approvação do presidente da província, e se elle ca veio para aprovar os disparates e caprichos de quanto mandado por elle se arvorá em *senhor feudal*.

O Indio conta que S. Ex. houve examinado o negocio, que o esmerilhará; que a verdade, como o oleo, virá á tona d'agua, para melhor se deixar ver, e que fará rigorosa justiça.

Não se pede muito, quando se pede somente aquillo a que se tem direito.

O Guarany assim vai seu caminho, sem se importar com a fóscie do Inspector da Instrução Pública, cuja atençao não pode, nem deseja; advogará á causa da verdade, embora isso desgrade á impafia do Sr. Dr. Sergio.

A imprensa hede cumprir sua missão, e sempre que entender conveniente hude pedir-lhe contas desses actos, como funcionários publico, sem se importar se isso lhe é ou não agradável.

Acima do Inspector da Instrução Pública ha muita causa, e sobre todos paires.

A rainha da terra inamolgavel, a opinião publica, unica que tem dir. it a genuflexões e cortezios.

E aí, *boa gré, mal gré*, o Sr. Dr. Sergio hude curvar a cabeça.

Guarany.

## TRANSCRIPÇÃO.

### A opinião.

O espirito publico não está morto. A onda de corrupção que se despenhava das eminencias do poder, ameaçando levar diante de si a honra, o pundonor e a dignidade nacional, quebran-se de encontro a peitos ferros.

Honra so pode fluminense! A vergonha que lhe propôs o dia 10 de Julho, transmutesse em resiliência ante coragem, ou queira em rebeldia ameaçar os, que preferiram a liberdade

perseguida à subserviência basfada pelos favoros do governo.

O despotismo e improbidade dos depositários de dinheiro público, facilitaram os custosos circenses, com que se armava o povo, mas foram impotentes para inspirar a alma da nação nos ridículos artefactos de um falso patriotismo.

Centenas de contos podram cobrir de orla as imundícias de um vasto campo, mas não conseguiram dobrar sobre elas o joelho brasileiro em alegria à corte renaiada no pugde italiano.

O patrônato oficial permitiu aos mercadores instalar-se no templo, mas o povo voltou as costas a esses e percutidores das glórias nacionais e das festas da divindade.

O imperador achou-se quasi isolado no templo colossal. De 8.000 convites expedidos, 7800 foram rejeitados. Os dinheiros acertados eram quasi obrigatório: tinham suíço scripto para o corpo diplomático, sempre atenções, e dílega, para os credados da corte, subscritos no serviço da família imperial, para os parentes e sobrinhos dos ministros, contractadores dos festeiros, para os deputados que se fizeram representar pelo terço da comissão nomeada, para os vencedores que tinham interesse nas arribanadas.

Estas, as galerias do templo, cuja lotação fôrava avaliada em 4.385 pessoas, só tiveram 15, inclusive duas famílias dos emprezarios, unicas que ali entraram!

O campo da Acciamação era um vasto deserto, só interrompido pelo quadrado da guarda nacional e da alguma corpora militares que formaram a um lado da praça, debaixo de sol abrasador, e sob as penas disciplinares da lei.

A polícia e os urbâos se haviam emboscado no bejo das arribanadas.

A 10 horas da manhã os sinos anunciaram que o Sacramento ia transportar-se da igreja de S. Gonçalo para o templo do papelão. Ento um grupo numeroso de povo affluui para acompanhar o Santíssimo, e respeitosamente foi deixado a porta principal, donde regou diante dos archeiros e dos jardineiros, que ali poñera o ministro-bicheiro.

O *Te Deum* começou com o templo quasi vazio, e como uma satyra puniente reuou o versículo:

*— Aperiuit credentibus regna celorum.*

— Abriste nos crentes as portas da corte celeste!

Foi assado, ou influxo do canticu sa-grado?

O imperador neste momento mandou franquear aos devotos do Santíssimo o templo deserto.

Foi assim que ao lado do Sr. barão de Muritiba poderam coller-se o carroceiro e a quitan leira, os jutinetas e os descalços, e o mais irano: em Jesus-Christo que ele desprezava pelas calças azuis e fardos bordados.

Ainda foi senso, ou providencial punição do orgulho?

O certo é que a tardia resolução do imperador não pôde reparar o erro do seu ministro.

A festa oficial estava definitivamente condenada pela opinião. Foi o vau, o abandono, o silêncio que significaram a reprovação publica.

*“Le silence des peuples c'est la leçon des rois.”*

Esta bella sentença de Mirabeau nunca teve mais eloquente e mais nobre aplicação. Como se uma só cabeca dirigisse toda a população da corte, calma, reflectida, e tão pacífica, em seus actos, quo indignada no intimo d'alma, puniu a corrupção do governo com o desdém de um silêncio glacial.

Nem o aparato militar, nem o estrondo dos caixões, nem os hymnos festivos, poderiam arrancar um grito de entusiasmo. Todos os corações estavam gelados.

Como se operou essa revolução no povo, que ha poucos dias, em jubilo delirante, aplaudia as glórias do exer-

cito á armada, e a feliz terminação da guerra?

Ah! não calunieis os brasileiros, atribuindo-lhes arrefecimento ou timidez de sentimentos, que os nobilitam perante o mundo, a gratidão, a estima, e entusiasmo para com os defensores da liberdade nacional.

Não os condenem também os phariseus do tabernáculo por carença de religião ou patriotismo.

E' necessário dizer ao imperador toda a verdade, tudo que se contém nessa ligação severa, o silêncio do povo.

Os ministros que diante de nações e estrangeiros humilharam o próprio representante do Brasil, não podem merecer contempnação a todos quantos desejam da monarquia com a dignidade nacional.

E' necessário dizer-lhe sem dissimulações.

Os vossos ministros meteram na escravidão no theatro o público para dissipar as escassas economias em festas de família.

Os vossos ministros mentiram nos representantes da nação, à vossa maneira imoral e as camaras, dizendo-lhes que as festas eram muito populares, afim de obterem um *bill de indemnização* para a neu-são e pelo esbanjamento.

Os vossos ministros insultaram os artistas brasileiros, organizando uma companhia italiana composta de seus parentes ou adherentes, para interpretar o sentimento nacional em montanhas de pinho, lona e papelão.

Os vossos ministros esbanjaram o povo, a quem haviam subtraído o dinheiro destinado a tantas necessidades públicas, excluindo-o do templo levantado com esse dinheiro.

Os vossos ministros esbanjaram sobre as fardas enegrecidas pelo fumo das batallhas, preferindo-lhes os dourados e alambrados reluzentes das fardas inimigas.

Os vossos ministros, depois de injuriar os voluntários da patria em pleno parlamento, excluiram-nos a elles e a toda a armada nas comemorações de seus obeliscos festives.

Os vossos ministros fizeram seleção odiosa de famílias, só considerando a do grande da corte, a das officias generais, a dos parentes e de alguns conterrâneos dinheiros.

Os vossos ministros, aproveitando-se da concussão para os seus clientes, houveram a responsabilidade della e das consequências desperdiciosas sobre vossa magestade imperial, repetindo a cada deputado e a cada senador o bem conhecido estribillo:

*Manda quem pode, obedece quem serve.*

E para ainda mais fazê-lo acreditar, designaram para a festa o 10 de julho, dia da partida de vossa magestade imperial para Uruguaiana, menosprezando o 24 de maio, data da primeira batalha campal da America do Sul, e 11 de julho, data do nosso mais glorioso feito naval.

Atida para mais confirmar o os ministros fizeram terminar uma festa, que se dizia consagrada a Deus, pelo beijim e cortejo imperial.

São estes os factos que explicam o procedimento do povo, que ha peneiras vitoriosa a vossa magestade imperial à frente dos triunfadores, e intactamente não teve um aplauso para a festa que os ministros fizeram vossa.

Eis porque, em vez do regosijo esperado, o povo só teve a manifestar o mais profundo descontentamento e queixas dolorosas.

Isto que no ministro da guerra aprovou capitular — sedição militar, foi simplesmente uma explosão da indignação popular, que pôde conter-se na presença da família imperial e diante de Deus, mas era impossível impedir.

Não foram só os militares, espalhados pelo Sr. barão de Muritiba, os únicos que reclamaram. No momento em que o barracão, sacrifegradamente convertido em templo, foi abandonado à população, ninguém podera sufrir o impeto que arrastou a cestueiros de

cidadãos os brados que mais tarde chegaram os ouvidos imperiais:

Abraço o ministerio!

Fóra o Barão de Muritiba!

O orador que do alto do barracão falou ao povo nenhuma desordem provocou.

Vamos, disse elle, respeitosamente representar ao imperador a falta de patriotismo e de capacidade do ministerio.

O mais que ocorreu, é que a família imperial presenciou, no momento em que, ao approximarse do theatro lirico, o povo antecipou-se e fez-lhe ouvir os seus queixumes.

Ali não se achavam soldados militares a clamar pelos seus direitos vilipendiados. Muitos outros cidadãos também protestaram contra o governo, que lhes concedeu a liberdade, negando justiça, pão e água, e converteu o sacerdoce em circenses.

Todas as manifestações foram pacificas. Se alguns dos fidalgos tumbaram das escadarias do barracão foi de susto, pelo queda de um sacrafio. A polícia não precisou sair de sua toca.

Hora no povo fluminense!

Indulgir o merecido castigo nos ministros corrompidos e corruptores.

Respeitem a solemnidade sagrada e a família imperial, de cujo chefê dizem ter ouvido estas palavras:

“Esta festa não é minha; eu a repudiaria desde 25 de março. Minha ideia era popular, e os ministros a torturaram.”

Qual era, pois, o pensamento do imperador?

Da Reforma

## NOTICIARIO.

No dia 24 entrou do Rio da Prata o transporte *Isabel* conduzindo o 54 corpo ultimo contingente que restava de Voluntários da Patria.

Estao finalmente de volta todos esses bravos que acudiram pressurosos ao chamado do Paiz, e que tão valerosos se portaram nas horas de combate, desafrontando o Brasil das offensas que o inimigo lhe irrogara; amanhã, estarão na Corte recebendo talvez em paga de seu heroísmo as palavras do alto ministro dizendo-lhes em face da nação que os voluntários foram recrutados, escravos alforniados e causa peior.... Quem salvou o imperio foi o patriotismo do nobre daque de Caxias que soube d'aquelle ráz de fazer gente....»

No mesmo dia 24 chegou do Sul o paquete *Gerente*; as notícias do Rio da Prata trazidas por este vapor encontraram os leitores na carta de nosso correspondente.

O paquete *Santa-Cruz* que seguira a 25 sua viagem para o Sul, entrou antes de honfem arribado em consequencia do mau tempo que encontrou na costa do Rio Grande: tornou a sair honfem pela manhã.

Na terça-feira à tarde entrou da Laguna o vapor *Itapiranga*, sahindo honfem de volta para aquelle porto.

Nem uma notícia de interesse nos trouxe.

Consta-nos ter sido nomeado o cidadão Frederico C. Buys para o cargo de promotor publico da comarca de Itajahy na vaga deixada pela demissão de Mamede Pinto de Campos, de que demos notícia no n. passado.

Acha-se gravemente enfermo o Ilm. Sr. Dr. Justino J. A. Jacutinga, sofrer das consequencias de uma queda que deu indo de passeio à Freguezia da Lagoa ha poucos dias.

A molestia de S. S. tem causado profundo sentimento em seus numerosos amigos, e nos habitantes desta cidade onde elle é geralmente considerado e estimado.

Fazemos votos ao Altissimo pelo seu restabelecimento.

Chamamos a atenção dos leitores para a Transcrição que fazemos hoje da

*Reforma*, na qual se acha bem pintado a expressão da opinião publica, que no dia 10 por occasião das festas dos ministros, condenaram o governo de Muritiba.

O *Despertador* de 26 publicou o acto de 11 da presidencia demittindo a *Comissão de Inquérito* o Dr. em medicina Francisco José Luiz Viana, do cargo de juiz comissário do município da Laguna.

A mesma folha em n. anterior, dando conta da demissão do Dr. Viana, não declara o motivo que a determinou.

Porque seria?

O Sr. Felippe Marques de Figueiredo foi nomeado por S. Ex. escrivão do juiz comissário do município da Laguna.

Este Sr. é o mesmo que sendo escrivão da collectoria provincial da Laguna, abandonou o emprego, não tendo sido por isso responsabilizado, e pelo contrario foi mais tarde nomeado pelo Sr. Galvão professor publico interino dos Coritibanos.

Não sabemos ao certo se já lhe foi dada exoneração deste ultimo cargo.

S. Ex. que verifique o caso.

Coisas que se dizem:

Antes de hontem correu que o ministro tinha virado de cangalhas, e que o fabricante da *pomada* fôr o Sr. Oliveira Pendragon.

Como está o homunculo zangado, que já espalha estas pétas.

Accrescenta-se que elle continua só agrarrado à banca e divorciado com a política.

No entretanto tem escripto e rematado alguns artigos para o... *Correio da Tarde*.

Na corte o Sr. Duarte Pereira não sabe o que faz, se vai para o Norte, se volta.

O Sr. Lamego, seu principal protector, ha um par de longos meses que o mistifica.

O juiz, quer comarca em *Pernambuco*, o candidato senatorial *in fieri* prefere o pretendente na Laguna, porque, segundo dix, já conta na província dezenas juizes de direito avessos à sua causa, o de Itajahy, e o de S. Francisco.

Pobre do Sr. Duarte, se volta para os braços!

Continua a devassa contra os officiaes que gritaram — fôr o Barão Muritiba — e dizem que o Sr. José Leitão é um dos indicados.

Do que se havia lembrar o Sr. Leitão para vingar-se da demissão que lhe deu o Sr. Tosta?

E é conservador.

O Sr. Lamego e Galvão insistem em não incomodar os tachigraphos. Que bons luzeiros embaciados.

## A PEDIDO

### Agradecimento.

A Sociedade « Amor às Lettras », sempre grata aos favores recebidos, rende um voto de agradecimento ao Ilm. Sr. Carlos Augusto Caminha, digno administrador da typographia do « Constitucional », pela maneira nobre, generosa e desinteressada por que se tem portado para com elle, publicando gratuitamente e constantemente em sua conceituada folha muitos dos seus trabalhos, escriptos literários e extensas notícias de suas sessões.

Orgaos dessa Sociedade, pedimos desculpa á S. S., se ofendemos sua modestia com a sincera manifestação dos nossos sentimentos. Sela das sessões 24 de Julho de 1830.

O presidente effetuado  
Sebastião Soeiro da Silveira.  
O 1º Secretario  
F. Paulino de Costa e Almeida.

